



EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS ROMPEM O SILÊNCIO:

Quando o saber se torna ato de resistência

Mulheres de diferentes origens desafiam a ciência tradicional e constroem caminhos de conhecimento a partir da vivência, do corpo e da coletividade. (pág. 02)

OUTRAS MATÉRIAS

Epistemologias Indígenas e a Ciência na Amazônia; (pág. 02)

Saberes Ancestrais em Foco: Povos originários reconfiguram o diálogo com a ciência ocidental e mostram que a floresta também pensa; (pág. 03)

Epistemologias do Sul e Ecologia de Saberes: Contra o pensamento único, emerge um mundo de saberes plurais que se recusam a ser silenciados. (pág. 04)



DESTAQUE ESPECIAL

RODA DE CONVERSA MOVIMENTA O LARANJÃO: SÃO OS CONHECIMENTOS QUE ULTRAPASSAM AS FRONTEIRAS.

No dia 03 de junho de 2025, a sala 101 do Prédio Laranjão foi palco de um evento de grande impacto: sob a coordenação da professora Fernanda Folster de Paula, os convidados Professor Maíke Vieira Kumaruara e a Pesquisadora Tatiana, promoveram uma troca intensa com os estudantes do curso de Ciências Ambientais.

Foram discutidas as diversas formas de produzir conhecimento e a relevância de ouvir vozes historicamente apagadas. (pág. 05)

EDITORIAL

Pluralidade como ciência: quando o conhecimento vem de muitas vozes.

Na estreia do Muiraquitã Notícias, nós queremos provocar uma pergunta:

Quem decide o que é conhecimento legítimo?

Durante muito tempo, apenas uma forma de saber foi considerada "científica". Mas os tempos estão mudando. Este jornal nasce com uma missão clara: abrir espaço para quem foi silenciado. Mulheres. Povos indígenas. Comunidades tradicionais. Saberes do Sul Global.

As epistemologias feministas mostram que o conhecimento também nasce da experiência, do cuidado e da resistência.

As epistemologias indígenas nos conectam com os saberes ancestrais da Amazônia, com sua ciência viva, que brota do chão.

As epistemologias do Sul nos lembram: o mundo é feito de muitos mundos, e todos eles importam.

Na UFOPA, uma roda de conversa entre professores e estudantes apontou caminhos para o diálogo e a transformação. Na entrevista com uma artesã indígena, vimos que o conhecimento não está só nos livros. Ele também é gesto, território, memória. Este jornal é um convite.

A conhecer.

A ouvir.

A transformar.

A respeitar.

A compreender.



ENTREVISTA IMPERDÍVEL

"O conhecimento nasce do chão que a gente pisa", diz artesã indígena ao refletir sobre território, pertencimento e ciência viva. (pág. 05)





EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS QUESTIONAM O MONOPÓLIO MASCULINO E EUROCÊNTRICO SOBRE A CIÊNCIA, PROPONDO UMA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO MAIS PLURAL E SITUADA.

PESQUISADORAS CRITICAM NEUTRALIDADE DA CIÊNCIA E DEFENDEM SABERES DIVERSOS



Pesquisadoras e filósofas têm questionado a ideia de neutralidade da ciência moderna e defendem uma produção de conhecimento mais inclusiva e comprometida com a realidade de populações historicamente excluídas. As chamadas epistemologias feministas propõem uma ciência que leve em conta o corpo, a experiência e o território de quem pesquisa.

A filósofa Anastasia Guidi Itokazu, em seu artigo "Ciência para os 99%", afirma que a ciência tem sido moldada para atender aos interesses de uma minoria privilegiada.

"A ciência está a serviço do 1% da população global, sendo estruturada para garantir seus privilégios e poder"

- Itokazu, 2021, p. 145

Ela defende que o conhecimento deve ser construído coletivamente, considerando saberes populares, indígenas, femininos e periféricos.

"São mulheres, povos tradicionais, comunidades negras, indígenas, periféricas, que pensam, fazem e transformam a ciência a partir de seus contextos."

- Itokazu, 2021, p. 149

A crítica à neutralidade também é feita por Donna Haraway, filósofa e bióloga norte-americana. Em Saberes Localizados, Haraway sustenta que todo conhecimento parte de um lugar específico, com marcadores como gênero, classe, raça e localização.

"A objetividade é uma posição situada. Não existe conhecimento a partir de lugar nenhum."

- Haraway, 2009, p. 20



Para Haraway, produzir ciência não é um ato distante e técnico, mas um gesto ético de envolvimento com o mundo.

"Conhecer é participar de forma responsável no mundo, não dominá-lo de fora."

- Haraway, 2009, p. 32

Itokazu enfatiza que as epistemologias feministas não rejeitam a ciência, mas propõem sua reconstrução com base em justiça social e diversidade epistêmica.

"Precisamos de uma ciência para os 99%, construída com as mãos de muitas, a partir das lutas por justiça e vida digna."

- Itokazu, 2021, p. 158



Segundo as autoras, repensar a ciência é essencial para que ela esteja de fato a serviço da maioria da população, e não de uma minoria privilegiada.

"A ciência precisa de perspectiva, de corpo, de território. Ela precisa saber de onde fala."

- Haraway, 2009





EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS

PESQUISADORES INDÍGENAS QUESTIONAM UNIVERSALIDADE DA CIÊNCIA E DEFENDEM SABERES ANCESTRAIS

INDÍGENAS PENSAM A CIÊNCIA: POR UMA EPISTEMOLOGIA DESCOLONIZADA



A presença das epistemologias indígenas no debate acadêmico rompe o silêncio histórico imposto pela colonialidade sobre os saberes originários. Mais do que um resgate cultural, trata-se de uma exigência ética e epistêmica: reconhecer os povos indígenas como sujeitos produtores de ciência.

A pesquisadora Linda Tuhiwai Smith, referência internacional no campo da descolonização do conhecimento, afirma:

“A pesquisa foi um dos instrumentos mais poderosos do colonialismo. Mas pode se tornar uma ferramenta de libertação se guiada pelas prioridades e valores indígenas”

- Smith, 2018, p. 144.



Segundo Smith, uma ciência indígena não separa razão de afeto, nem sujeito de natureza. Ela parte de princípios como espiritualidade, relação com a terra, memória dos mais velhos e responsabilidade coletiva.

A pesquisa indígena deve afirmar a sobrevivência cultural, revitalizar as línguas e reconstruir narrativas históricas.”

- Smith, 2018, p. 146

Esses saberes também se expressam por meio da arte, do canto, do silêncio e do sonho. No vídeo Chamado para tecer diálogos, do Ciclo de Estudos Selvagem, a indígena Cristine Takuá reforça a conexão entre ciência e existência:



“O conhecimento indígena é um modo de ser no mundo. É preciso aprender com a terra, com o silêncio, com os ciclos. Tudo isso é ciência para nós.”

A crítica ao modelo eurocêntrico de produção científica também está presente no pensamento de Gersem Baniwa, professor e líder indígena. Em seu artigo Antropologia colonial no caminho da antropologia indígena, ele afirma que a ciência ocidental transformou os povos originários em objetos de pesquisa.

“Hoje, os próprios indígenas estão criando a sua antropologia, com seus métodos, suas teorias e sua centralidade política.”

- Baniwa, 2019, p. 23

Para Baniwa, é fundamental reconhecer a pluralidade dos modos de conhecer:



“A ciência ocidental precisa reconhecer que há outros modos de conhecer, viver e existir no mundo, e que esses modos são também profundamente científicos.”

-Baniwa, 2019



EPISTEMOLOGIAS DO SUL

CONTRA A HEGEMONIA DO SABER ÚNICO, EPISTEMOLOGIA DO SUL DEFENDE CONHECIMENTO COMO FERRAMENTA DE JUSTIÇA



SEM JUSTIÇA COGNITIVA, NÃO HÁ JUSTIÇA SOCIAL.

Sem justiça cognitiva, não há justiça social. Pesquisadores propõem uma ecologia de saberes que reconheça os conhecimentos indígenas, populares e tradicionais ao lado da ciência ocidental. Para Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses e João Arriscado Nunes, é preciso romper com o colonialismo cognitivo, a ideia de que só o saber científico do Norte global é legítimo. Valorizar outras formas de conhecimento é essencial para construir uma sociedade verdadeiramente justa e plural.



Não há ignorância em abstrato, mas saberes desqualificados. A monocultura do saber científico é, ao mesmo tempo, uma monocultura do poder."

- Santos; Meneses; Nunes, 2006, p. 64



DESCOLONIZAR O SABER É UM ATO DE RESISTÊNCIA E DE JUSTIÇA."

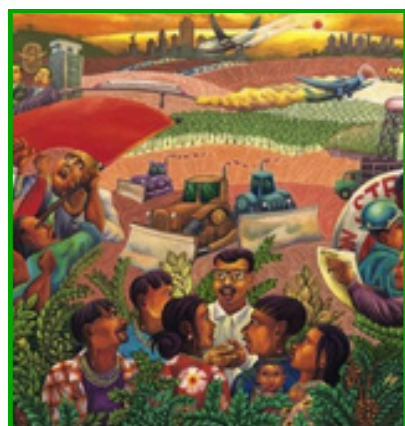
Em lugar da exclusão, os autores sugerem uma ecologia de saberes, um modelo que reconhece e articula diferentes formas de conhecer, respeitando suas origens, práticas e finalidades. Isso inclui as experiências de povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos, agricultores e movimentos sociais.

"A ciência moderna tende a negar aquilo que não pode traduzir, invisibilizando conhecimentos ancestrais, populares e subalternizados."

- Nunes; Santos; Meneses, 2006, p. 70



VALORIZAR TODOS OS SABERES É ROMPER COM O COLONIALISMO DO CONHECIMENTO.



A crítica central dos autores recai sobre a falsa ideia de neutralidade científica, frequentemente usada para mascarar disputas políticas, interesses econômicos e heranças coloniais. Para eles, todo conhecimento nasce em contextos sociais específicos e está carregado de valores, conflitos e visões de mundo. Reconhecer isso é essencial para democratizar o saber e romper com o monopólio epistêmico do Ocidente.

"O mundo é epistemologicamente diverso. Reduzir essa diversidade é um ato de violência." (Santos; Meneses; Nunes, 2006, p. 77

Ao defenderem uma ciência mais democrática, os autores não negam a validade do saber científico, mas propõem que ele se coloque em diálogo horizontal com outros modos de conhecer. É um chamado ético e político para reconhecer a pluralidade epistêmica como condição para transformar a sociedade.

"Só haverá justiça social global se houver também justiça cognitiva global."

- Boaventura de Sousa Santos



BIOJOIAS E VESTIMENTAS INDÍGENAS

CONHECIMENTO TRADICIONAL, SUSTENTABILIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL QUE REDEFINEM A MODA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA, COM A FORÇA DE SANDRA MUNDURUKU.



NÃO É SÓ MODA. É ANCESTRALIDADE. É CONHECIMENTO.

"Cada peça carrega a força do meu povo."

- Sandra Munduruku

Sementes, fibras, escamas de peixes, penas, etc. Não são enfeites. São memórias vivas da floresta. São histórias que não cabem nos livros, mas vestem corpos inteiros.

MI - Moda Indígena não segue tendências. Ela resgata raízes. Cria com respeito. Costura com alma.

"Antes de colher, a gente pede permissão à natureza. Às vezes com cantos. Às vezes em silêncio."

- Sandra Munduruku

Da aldeia Terra Preta ao São Paulo Fashion Week. De Santarém ao Met Gala. O mundo já está ouvindo. E agora? Vai vestir só uma roupa ou vai vestir uma história?

"Não é só fazer uma roupa bonita. É vestir identidade."

- Sandra Munduruku

Cada colar, cada tecido, cada traço... carrega séculos de sabedoria.

Resistência. Cura. Conexão. A floresta fala. E a gente responde com arte.

"A MI é mais do que uma marca. É a nossa história sendo contada com dignidade."

- Sandra Munduruku

Acompanhe a entrevista completa com Sandra Munduruku, feita por Edna Amaral e Iara Anjos: <https://muraquitanoicias.com.br/entrevista/sandra-munduruku>



Nós, alunos da disciplina Origem e Evolução do Conhecimento, expressamos nossa mais profunda gratidão à professora Fernanda de Paula por sua dedicação, sensibilidade e compromisso com o ensino. Suas aulas foram mais do que lições acadêmicas, foram convites ao pensamento crítico, à escuta atenta e à valorização do saber em todas as suas formas.

Agradecemos por compartilhar conosco não apenas conhecimento, mas também humanidade. Com carinho e admiração.



RODA DE CONVERSA NA UFOPA REÚNE CALOUROS PARA DISCUTIR SABERES INDÍGENAS E TERRITÓRIOS

No dia 03 de junho de 2025, no auditório do Campus Tapajós da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), os calouros do curso de Ciências Ambientais participaram de uma roda de conversa que uniu reflexão, escuta e trocas sobre cultura, território e protagonismo indígena. O encontro foi mediado pela professora Fernanda e contou com a presença do Professor Maíke Vieira Kumaruara e a Pesquisadora Tatiana,



Durante a roda, as falas provocaram os estudantes a pensar o papel da universidade na valorização de saberes tradicionais e no enfrentamento ao apagamento histórico. Rodolfo Seade, ouvinte, comentou:

"A universidade ainda é o único espaço que permite esse tipo de diálogo livre, diverso e consciente."

Mara Amaral, ouvinte, refletiu sobre os silenciamentos na história local:

"A história de Santarém foi contada por quem apagou os povos originários. Precisamos recuperar essas vozes e reconhecer que esta cidade é ancestral."

A professor Riker ressaltou a importância da consulta livre, prévia e informada, assegurada por tratados internacionais:

"Consulta não é um favor, é direito. E ela precisa ser feita de verdade, com escuta real, desde o início dos projetos que afetam os territórios."